



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV**  
**LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**CAMILA SILVA RIOS**

**DO REMOTO AO PRESENCIAL: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID -19 NO  
ENSINO DE GEOGRAFIA**

**JACOBINA - BAHIA**

**2022**

CAMILA SILVA RIOS

**DO REMOTO AO PRESENCIAL: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID -19 NO  
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas Campus IV, Jacobina-BA.

Orientador: Prof. Me. Carlos Lima Ferreira.

**JACOBINA - BAHIA**

**2022**

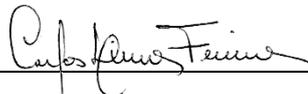
**CAMILA SILVA RIOS**

**DO REMOTO AO PRESENCIAL: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID -19 NO  
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora abaixo relacionada, constituída pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas (DCH) Campus IV- Jacobina, como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação do curso de Licenciatura em Geografia.

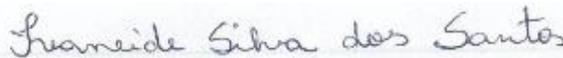
Aprovada em: 13 de dezembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof. Me. Carlos Lima Ferreira  
Orientador



---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ivaneide Silva dos Santos (Avaliador)



---

Prof. Dr. José Alves de Jesus (Avaliador)

**JACOBINA - BAHIA**

**2022**

À Deus, pela força e cuidado que tem me proporcionado para enfrentar os desafios pessoais e acadêmicos.

À minha família, por todo apoio e dedicação em especial à minha mãe Denilda, meu irmão Raylan e meu pai Juscelino (*In memoriam*) por terem sonhado esse sonho junto comigo.

Ao meu namorado Lafayete por toda parceria, cuidado, amizade e por estarmos realizando juntos mais esse sonho.

Aos meus amigos Ellen Caroline, Joicimara e Hugo que tornaram essa trajetória mais leve e feliz.

Ao Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva, de modo especial às professoras e alunos por fornecerem os elementos que possibilitaram as análises sobre a temática proposta.

Ao meu orientador Carlos Lima Ferreira por todo auxílio para o melhor desenvolvimento desse trabalho.

Aos professores Ivaneide Silva dos Santos e José Alves de Jesus que compõem a banca examinadora, a todos os demais professores do Curso de Licenciatura em Geografia do Campus IV, e colegas de turma que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

“Pensar nas novas tecnologias como oportunidades para melhorar o mundo é, necessariamente, pensar em educação” (BUZATO, 2006, p. 1)

## RESUMO

A propagação do Novo Coronavírus Sars-CoV-2 e a incorporação do ensino remoto emergencial levou os estudantes das diversas classes escolares a terem sua rotina modificada. Para os alunos da zona rural, a atividade remota trouxe ainda mais obstáculos, uma vez que as condições materiais dos estudantes foram postas à prova, influenciando negativamente no aprendizado. Nos deparamos então com a seguinte problemática: Quais impactos deixados pela pandemia acarretaram o ensino de geografia na educação básica? Dessa maneira, este trabalho teve como objetivo compreender os desafios que passaram a permear o cotidiano dos estudantes do 5º ano e professores de Geografia do Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva localizado no povoado de Maracujá- Serrolândia-BA. Em termos metodológicos esta pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa, cuja obtenção de informações foi o questionário aplicado via *Google Forms e WhatsApp*, além de entrevistas com 16 alunos do 5º ano e com quatro professoras de Geografia atuantes na Educação Básica. A partir dos resultados, foi possível certificar que a realidade da pandemia conseguiu interferir negativamente no processo de aprendizagem destes alunos. Neste sentido, tendo em vista o cenário pandêmico, este trabalho demonstrou a necessidade de discutir não somente os desafios, mas também a necessidade de uma formação continuada para os professores, o papel da escola frente a pandemia e as consequências no processo de ensino e aprendizagem bem como as desigualdades que foram realçadas durante o ensino remoto.

Palavras-chave: Ensino na zona rural. Pandemia. Tecnologias.

## **ABSTRACT**

The spread of the New Coronavirus Sars-CoV-2 and the incorporation of emergency remote teaching led students from different school classes to have their routine changed. For rural students, the remote activity brought even more obstacles, since the students' material conditions were put to the test, negatively influencing learning. We are then faced with the following problem: What impacts did the pandemic leave on the teaching of geography in basic education? In this way, this work aimed to understand the challenges that began to permeate the daily lives of 5th grade students and Geography teachers at the Bernardina Ferreira da Silva Educational Center located in the village of Maracujá- Serrolândia-BA. In methodological terms, this research is characterized as qualitative and quantitative, whose information was obtained through a questionnaire applied via Google Forms and WhatsApp, in addition to interviews with 16th grade students and four Geography teachers working in Basic Education. From the results, it was possible to certify that the reality of the pandemic managed to interfere negatively in the learning process of these students. In this sense, in view of the pandemic scenario, this work demonstrated the need to discuss not only the challenges, but also the need for continued training for teachers, the role of the school in the face of the pandemic and the consequences in the teaching and learning process as well as the inequalities that were highlighted during remote learning

**Keywords:** Teaching in rural areas. Pandemic. Technologies.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva.....	15
<b>Figura 2</b> – Avaliação do ensino de geografia durante o ensino remoto .....	25
<b>Figura 3</b> – Principais plataformas utilizadas pelos alunos no ensino remoto.....	26
<b>Figura 4</b> – Principais obstáculos enfrentados pelos alunos nas aulas de Geografia.....	27
<b>Figura 5</b> – Avaliação da aprendizagem durante o ensino remoto.....	28
<b>Figura 6</b> – Ferramentas utilizadas nas aulas de geografia durante o ensino remoto .....	30
<b>Figura 7</b> – Avaliação sobre o processo de aprendizagem durante o ensino remoto para os alunos do 5º ano .....	32
<b>Figura 8</b> – Avaliação de Língua Portuguesa CAED na turma do 5º ano.....	33

## **LISTA DE SIGLAS**

BA – Bahia

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAED – Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação

CEBFS – Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva

COVID-19 – Corona vírus disease

DCRM – Referencial Curricular Municipal

EPJAI – Educação de Jovens e Adultos e Idosos

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MEC – Ministério da Educação do Governo Federal do Brasil

PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola

PDDE – Programa de Dinheiro Direto na Escola

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. O CENÁRIO PANDÊMICO SOB A PERSPECTIVA DO CENTRO EDUCACIONAL BERNARDINA FERREIRA DA SILVA.....</b>	<b>14</b>
<b>2. O SIGNIFICANTE DILEMA DA PRÁTICA DOCENTE E O ENSINO DE GEOGRAFIA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 A realidade do Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva.....</b>	<b>20</b>
<b>3. OS DESAFIOS TECNOLÓGICOS NO ENSINO DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19 .....</b>	<b>21</b>
<b>4. O PAPEL DA ESCOLA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 .....</b>	<b>24</b>
<b>4.1 Desafios enfrentados pelos alunos do 5º ano nas aulas de geografia durante a pandemia da Covid – 19 .....</b>	<b>24</b>
<b>4.2 As percepções docentes acerca da aprendizagem dos alunos do 5º ano nas aulas de geografia no período da pandemia da Covid-19 .....</b>	<b>29</b>
<b>4.3 O cenário educativo pós pandemia .....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>39</b>



## INTRODUÇÃO

Toda prática docente é marcada diariamente por inúmeros desafios pois necessita ser constantemente repensada, reconstituída e problematizada, a fim de que ocorra a articulação da teoria com a prática. E por falar em desafios, a pandemia da Covid-19 é sem dúvida um dos maiores já enfrentados em todos os âmbitos educacionais ao redor do mundo, visto que, levou a população mundial a um universo de incertezas, limitando severamente a circulação de pessoas em todo globo, não sendo diferente no Brasil.

Inicialmente, vale destacar que a proposta de estudo estava centrada apenas em ampliar os horizontes de pesquisa sobre os desafios da prática docente no ensino de geografia. No entanto, a nova circunstância que se instalou no universo educativo decorrente da pandemia da Covid-19<sup>1</sup> remanejou a realidade da pesquisa ampliando a gama de fatores para a discussão, especialmente, porque houve um excedente impacto negativo na aprendizagem para os alunos da zona rural. Diante disso, Macêdo e Moreira (2020, p. 72) apontam que, o ensino de geografia em tempos de pandemia se apresenta como um novo objeto de estudo para a ciência geográfica e amplia a nossa curiosidade sobre os efeitos e consequências nos diversos setores da sociedade, principalmente na educação.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) salienta que compreender a Geografia é uma oportunidade para entender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta.

Assim sendo, Oliveira (2007), diz que estudar Geografia significa abrir janelas para a percepção e compreensão das condições de vida da humanidade. É também o caminho para que os indivíduos possam formar-se e perceber-se enquanto sujeitos participantes da produção do espaço geográfico, capazes de atuar criticamente na efetivação das transformações desejadas pela sociedade.

No final do ano de 2019, foi identificada na cidade de Wuhan<sup>2</sup>, na República Popular da China uma nova variante do vírus SARS-CoV-2, que causa a doença denominada de Covid-19.

---

<sup>1</sup> Nomenclatura utilizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para referir-se à doença causada pelo novo coronavírus. COVID significa Corona Vírus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro.

<sup>2</sup> **Wuhan** ou **Uane** é a capital e maior cidade da província de Hubei na China. É a cidade mais populosa da China Central, com uma população de mais de 10 milhões, a sétima cidade mais populosa do país.

Mal sabia o mundo que, em poucos meses, os países estariam enfrentando fechamento de fronteiras, superlotação em hospitais, distanciamento social e, inclusive, a suspensão de diversas ações presenciais, principalmente as atividades escolares e universitárias. Nesse cenário, as escolas tiveram os portões fechados e os estudantes foram obrigados a ficar em casa para tentar reduzir a velocidade do contágio.

Nos deparamos então, com o isolamento social e a incorporação do Ensino Remoto Emergencial, ao que Azevedo (2020) denomina de “educação sem escola”, como uma alternativa para dar continuidade ao processo educativo, tendo início oficial no Brasil através da Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020, que definiu a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – Covid-19.

A chegada da pandemia trouxe profundas transformações nos mais variados aspectos da vida cotidiana, incluindo as realidades educativas e os processos de ensino e aprendizagem. O fechamento das escolas e a migração para o ensino remoto acarretou de maneira significativa a aprendizagem dos estudantes, particularmente para os alunos da zona rural, uma vez que, as condições materiais dos estudantes foram postas à prova. Um número relevante de estudantes no Brasil teve seu ano letivo prejudicado, justamente, por não dispor das condições de infraestrutura necessárias para acompanhar as aulas de modo não presencial. No município de Serrolândia-Ba, mais precisamente no povoado de Maracujá, essa realidade não foi diferente como trataremos posteriormente.

Sem haver planejamento prévio, as escolas viram-se frente a uma realidade antes inimaginável: a necessidade de realizar atividades integralmente digitais, por um período de tempo indeterminado. Alunos com pouca ou nenhuma infraestrutura para acompanhar o ensino remoto e docentes pouco preparados tiveram que se desdobrar, houve uma modificação repentina na rotina do professor, desde a adaptação da sua própria residência para conseguir realizar as aulas remotas, até a incorporação de novos recursos didáticos afim de garantir os elementos mínimos de ensino.

No entanto, essa necessidade urgente de adaptação trouxe uma consequente piora na qualidade da aprendizagem dos alunos, a falta do acesso à internet, tal como a ausência de outras condições materiais e financeiras foram fatores que se tornaram barreiras determinantes no comprometimento do ano letivo de 2020/2021. À vista disso, surgiu o interesse pela temática pesquisada, dado que, no ano letivo de 2022 vivi a experiência de atuar como docente na turma do 5º ano no Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva – CEBFS, podendo assim, observar de perto as debilidades que os alunos carregam após o período de ensino remoto

emergencial.

Nesta perspectiva nos deparamos com a seguinte problemática: Quais impactos deixados pela pandemia acarretaram o ensino de geografia na educação básica?

Dessa maneira, a relevância desta pesquisa consiste em debater e refletir sobre a atual situação do processo de ensino e aprendizagem na turma do 5º ano do CEBFS, localizado no povoado de Maracujá- Serrolândia-BA. Bem como, identificar as principais dificuldades enfrentadas por esses alunos em relação aos problemas ocasionados pela pandemia da Covid-19 e discutir o papel do ensino de geografia diante dessas necessidades.

Quando se trata do 5º ano a preocupação é ainda maior, pois, esses alunos estão passando pelo processo de transição para serem inseridos no Ensino Fundamental II. Em concordância com as aprendizagens em Geografia da BNCC as crianças do Ensino Fundamental I precisam ser estimuladas a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico e interpretando o mundo que permanece em constante transformação. No entanto, essas habilidades em alguns momentos são repassadas de maneira sucinta, resultando em lacunas no ensino de geografia.

Em vista disso, salienta-se que no processo de ensino-aprendizagem, o conhecimento didático da Geografia (OLIVEIRA, 2017) e as mediações e metodologias pedagógicas são cruciais à construção de conhecimentos geográficos e ao desenvolvimento dos estudantes, de modo geral. Corroborando com essa fala, Shulman (2014) afirma que as mediações docentes são mecanismos que provocam os processos construtivos dos estudantes. Por isso, os recursos utilizados tanto podem promovê-la quanto impossibilitá-la.

Portanto, quando algumas dessas habilidades são ignoradas na educação básica, ao adentrar o Ensino Fundamental II os alunos não conseguem acompanhar os conteúdos próprios do seu ano de ensino, ocasionando as fragilidades no processo de aprendizagem que foram acentuadas ainda mais no período pandêmico.

Assim sendo, este trabalho está fundamentado na metodologia quali-quantitativa com ênfase na pesquisa exploratória, a qual, Gil (1999, p. 43) enfatiza que “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Dias (2000) aponta que o foco dessa abordagem permite estimular o pensamento do pesquisador, acentuando que o estudo exploratório é útil para o planejamento de pesquisas qualitativas ao trabalhar com um grupo focal através da elaboração de questionários.

É importante ressaltar que trabalharemos aqui, com o conceito chave da geografia de lugar, pois compreender o lugar é considerá-lo não como uma soma de objetos, mas como um

sistema de relações. Callai (2000, p. 84) diz que, estudar e compreender o lugar em Geografia significa compreender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições culturais e humanas (...) permite ao sujeito conhecer sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem.

Para Santos (1994), o lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico. Logo, é fundamental considerar o lugar como palco dos acontecimentos pela sua dimensão prática, sensível, concreta e real.

Como procedimentos metodológicos, foram realizados levantamentos bibliográficos com a finalidade de sondar os principais olhares, opiniões e encaminhamentos dos diversos autores sobre as temáticas envolvidas (ensino de geografia, escola do campo, e ensino remoto). Logo após, foram realizados diálogos com quatro professoras de Geografia e alunos do CEBFS através de questionários com questões objetivas e subjetivas desenvolvidas por meio do “*Google Forms*” e “*WhatsApp*” com o propósito de investigar os principais desafios enfrentados por professores e alunos durante o ensino remoto vivenciado no período da pandemia da covid-19.

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos. O capítulo um intitulado “O cenário pandêmico sob a perspectiva do Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva” engloba uma discussão a respeito do cenário pandêmico e a apresentação do local de pesquisa.

O capítulo dois, intitulado “O significativo dilema da prática docente e o ensino de geografia” compreende uma discussão ancorada em autores que discutem o ensino de geografia e a prática docente, enfatizando o uso das tecnologias frente ao ensino remoto emergencial e a realidade da escola pesquisada.

O terceiro capítulo intitulado “Os desafios tecnológicos no ensino durante a pandemia da Covid-19” aborda uma discussão sobre a inserção dos meios tecnológicos e os desafios enfrentados no ensino remoto durante o período pandêmico.

Por fim, o quarto capítulo intitulado “O papel da escola durante a pandemia da Covid-19” engloba uma reflexão sobre o papel da escola durante a realização do ensino remoto, as concepções dos professores e alunos acerca da aprendizagem e os desafios nas aulas de Geografia neste período. Ao fim deste capítulo, é exposto uma reflexão sobre a educação pós-pandemia, a retomada das aulas presenciais e o resultado da avaliação CAED<sup>3</sup> na turma do 5º ano.

---

<sup>3</sup> Centro de Apoio à Educação a Distância.

Por se tratar de uma temática atual essa pesquisa é de extrema importância pois, evidencia um cenário de muitos dilemas, aprendizados e desafios, mas também de possibilidades e ressignificações. Em suma, a minha pretensão é que as discussões acerca deste assunto possam promover reflexões críticas sobre as reais possibilidades e problemas relacionados ao ensino remoto durante a pandemia.

## **1. O CENÁRIO PANDÊMICO SOB A PERSPECTIVA DO CENTRO EDUCACIONAL BERNARDINA FERREIRA DA SILVA**

O resultado da pandemia da Covid-19 no setor educacional está sendo bastante expressivo. O Relatório de Monitoramento Global da Educação publicado pela UNESCO (2020) aponta que a pandemia expôs ainda mais essas disparidades e a precariedade de nossa sociedade, segundo o referido relatório:

A crise atual irá perpetuar ainda mais essas diferentes formas de exclusão. Com mais de 90% da população estudantil mundial afetada pelo fechamento de escolas relacionado à COVID-19, o mundo está prestes a sofrer uma perturbação de grandes dimensões e sem precedentes na história da educação. As diferenças sociais e digitais colocam os mais desfavorecidos em uma situação na qual correm o risco de ter perdas de aprendizagem ou abandonar a escola (UNESCO, 2020, p. 5).

De acordo com o documento da Unesco, o fechamento das escolas em 2020, em decorrência da disseminação da Covid-19 impactou o sistema educacional em todo o mundo. Esse efeito foi sentido em todos os âmbitos educacionais, assim como, no Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva, no povoado de Maracujá – Serrolândia- BA. Por ser uma escola do campo este impacto foi sentido com mais evidência, visto que, majoritariamente dos alunos são oriundos da zona rural e por esse motivo não dispunham de artefatos tecnológicos para se adequar rapidamente a nova forma de ensino. Sobre a escola do campo Caldart (2003, p. 66) aponta:

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade. Se é assim, ajudar a construir escolas do campo é, fundamentalmente, ajudar a constituir os povos do campo como sujeitos, organizados e em movimento. Porque não há escolas do campo

sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro.

No contexto de escola do campo, o Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva – CEBFS (figura 1), foi criado sob a lei nº 03 de maio de 1981, estando autorizado através da Resolução CME nº 06 de 07 de novembro de 2018, para atender a uma demanda de 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EPJAI). Situado na Avenida Liberato, s/n, povoado de Maracujá-Serrolândia-Bahia, é mantido pela Prefeitura Municipal e Governo Federal através de programas como Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e Programa de Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

**Figura 1** – Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva



Fonte: Camila Rios, 2022.

O alunado atendido por essa escola é predominantemente oriundo da zona rural e de classe baixa, cujas principais atividades econômicas giram em torno da agricultura de subsistência (milho, feijão, mandioca, licuri, mamona etc.) pecuária, aposentadorias, pequenos comércios e empregos públicos formais e não formais.

Em razão do contexto supracitado o CEBFS possui uma particular relevância, uma vez que o mesmo disponibiliza de um currículo diferenciado por se tratar de uma escola do campo,

debatendo constantemente temas relacionados a questões que ajudam a reafirmar identidades do campo, tanto no currículo quanto nos projetos desenvolvidos neste espaço. É nessa lógica que esta escola está se firmando dentro de uma perspectiva educacional diferenciada, fortalecendo sua visão educacional acerca da identidade local e transformação social, complementando suas especificidades e dando significado a estas, promovendo neste sentido, o sentimento de pertença e fortalecimento da autoestima nos alunos.

No ano de 2022 a instituição conta com o seguinte contingente estudantil: no Ensino Fundamental I, 87 alunos; Ensino Fundamental II, 67 alunos e EPJAI<sup>4</sup> com 34 alunos, totalizando 187 discentes matriculados para este ano letivo. A instituição conta com 21 funcionários ao todo, sendo: 7 professoras auxiliares; 3 auxiliares operacionais de educação; 5 professores efetivos; 1 coordenadora pedagógica; 2 porteiros; 1 secretária; 1 diretora e 1 vice-diretora.

Um dos maiores desafios encontrados atualmente pela instituição, diz respeito as mudanças de estratégias de ensino decorrentes da pandemia da Covid -19, o contexto exigiu dos professores mudanças drásticas em suas práticas pedagógicas, obrigando os mesmos a reinventar seu aprendizado, além de reconstruírem seus saberes. De acordo com o relato descritivo de Azevedo (2020, p. 227):

[...] A maioria dos professores, até o momento da pandemia, não tinha o hábito de utilizar tecnologia em suas aulas e quando utilizava era de forma pontual. Esses professores tiveram de mudar sua forma de dar aula em um curto espaço de tempo. Os professores em sua maioria tiveram de se adaptar a ministrar aula para um computador [...] Além de ter de aprender ministrar sua aula de forma online, muitos professores tiveram de aprender rapidamente a utilizar diferentes aplicativos e ambientes virtuais de aprendizagem, aprender a gravar vídeo aulas, tudo isso pensando em como possibilitar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para seus alunos, seja por meio de atividades síncronas ou assíncronas.

Compreende-se, portanto, que o cenário educativo é constituído por três fundamentos: A Escola, os Professores e os Alunos. Nessa perspectiva, partindo da concepção de que os professores e alunos foram os sujeitos impactados diretamente pelas ações decorrentes do período de pandemia da Covid-19, serão destacados a seguir os dilemas do ensino de geografia, bem como os desafios enfrentados por professores no exercício de sua prática docente.

---

<sup>4</sup> A Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas - EPJAI é uma modalidade de educação que se amplia no processo educativo nas múltiplas dimensões do conhecimento, das práticas sociais, do trabalho e da construção da cidadania.

## 2. O SIGNIFICANTE DILEMA DA PRÁTICA DOCENTE E O ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia é um campo do saber incluído a diversas áreas do conhecimento, integrada a todos os currículos e sistemas educacionais, garante a compreensão do mundo e das relações que a sociedade estabelece com a natureza. Assim, as concepções ao redor do objeto e o método da geografia passam por várias reflexões que influenciam as práticas de ensino.

No auge de sua consolidação a Geografia foi influenciada pelas correntes do pensamento geográfico, fazendo com que as características oriundas do tradicionalismo se sobressaíssem em algumas práxis pedagógicas dos docentes. Sendo que, alguns professores ainda mantêm nos dias atuais um caráter tradicional nas suas aulas, fator que pode comprometer a construção dos saberes discentes. No entanto, podemos evidenciar também um aspecto positivo, exposto nas práticas pedagógicas de muitos professores de geografia, que buscam desenvolver um trabalho pautado na contextualização dos conteúdos propostos, fator preponderante à formação de indivíduos críticos e conscientes, aspectos importantes para a consolidação dos ideais de justiça social.

De acordo com Moraes (1994), as correntes do pensamento geográfico, com suas conformidades e divergências, podem ser classificadas em dois grandes grupos: a Tradicional, sustentando-se em conceitos naturais e entendendo a Geografia como Ciência descritiva de observação de elementos naturais; e a Crítica, que discorda do positivismo e acolhe a Geografia como Ciência social revendo seus conceitos em relação homem-natureza.

Na tendência Tradicional, a Geografia era centrada por uma prática educativa baseada no modelo positivista em que a tendência pedagógica liberal (tradicional, renovada e tecnicista) se sobrepunha pela didática com foco no professor. Conforme Straforini (2004, p. 57):

O objetivo da escola tradicional é a transmissão de conhecimento, ou seja, uma preocupação conteudista. Dessa forma, o aluno é visto como um agente passivo, cabendo a ele decorar e memorizar o conjunto de conhecimentos significativos da cultura da humanidade previamente selecionados e transmitidos pelo professor em aulas expositivas. O mundo é uma externalidade ao aluno, ou seja, não é dado a ele a possibilidade de sua inserção no processo histórico [...]

Diferente da Geografia Tradicional, a Crítica, todavia, é pautada na autonomia, mediação pedagógica, utilização de múltiplas linguagens e internalização significativa de

experiências de aprendizagem, sendo o aluno conduzido a analisar a realidade social. Neste sentido, Vesentini (1993, p 2019) diz que

O ensino da geografia no século XXI, deve ensinar, ou melhor, deve deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza (sem embaralhar uma dinâmica na outra), deve realizar constantemente estudos do meio (para que o conteúdo ensinado não seja meramente teórico ou “livresco” e sim real, ligado à vida cotidiana das pessoas) e deve levar os educadores a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens. E por esse caminho, e somente por ele, que a geografia escolar vai sobrevivendo e até mesmo ganhando novos espaços nos melhores sistemas educacionais.

Os saberes geográficos, atualmente, foram planejados, não apenas como instrumento de poder com foco na Geografia marxista, mas, principalmente, como meio para se compreender a relação homem-lugar numa perspectiva humana, não só envolvendo fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais, mas englobando também os aspectos “físicos” e ecológicos do meio em que vivemos.

Pois, a “alfabetização geográfica” transita pela formulação dos conceitos, desencadeados no fenômeno de conhecer o mundo com destaque na vida cotidiana e na compreensão do lugar concreto no qual se está inserido, e se consolida com a apropriação crítica e reflexiva, propiciando uma ação consciente e cidadã no mundo (MARQUES, 1993; CASTROGIOVANNI, 2006; CASTELLAR, 2000).

É indiscutível que a ciência geográfica se tornou importantíssima para a compreensão da realidade social, devido a sua capacidade de entendimento sobre o espaço em diferentes dimensões, principalmente, diante da complexidade das relações atuais. E na Geografia Crítica, especialmente, se constroem os principais pilares de observação para a realidade dos movimentos sociais, das minorias e dos grupos subjugados ao capitalismo.

Essa afinidade se constitui sobre um ensino crítico e emancipatório, que ainda não está completamente posto nas escolas. Para Damiani (2018, p. 51):

Na geografia, as mudanças históricas concretas, com o acirramento das contradições, desembocam em grandes rupturas técnicas, metodológicas e temáticas. Abordagens que, de forma subjacente, fundamentavam-se no espaço geométrico, considerando como continente de relações, passam as reflexões que privilegiam o espaço social, produzido e reproduzido socialmente, considerado produto e produtor de relações sociais. Mais do que nunca, a geografia afirma-se como uma ciência social.

Embora a Geografia seja compreendida como uma ciência social e dinâmica,

corriqueiramente seu ensino é repassado de maneira tradicional, conservando um caráter descritivo, e conteúdos meramente engessados, tornando o professor o único detentor do conhecimento.

Segundo Goulart (2011), aprender Geografia vai além do exercício de aprender a ler um mapa, do preenchimento de atividades meramente mnemônicas, da elaboração de maquete ou elaboração de roteiros entre a casa e a escola. Para essa autora, ensinar e aprender Geografia está diretamente ligado com o constante diálogo com o conhecimento, onde as atividades abram possibilidades para uma visão crítica, estabelecendo conexões com os conceitos construídos. É preciso pensar Geografia para além da sala de aula. Dessa forma, compreender tal espaço exige dos educadores uma complexa gama de competências e habilidades capaz de distinguir os inúmeros aspectos responsáveis pelo entendimento da realidade. Pois,

Entendemos que o professor de Geografia é herdeiro, guardião e renovador de uma determinada tradição escolar e acadêmica. Herdeiro e guardião porque é o representante de um modo específico de ver, de estudar e compreender o mundo: o olhar geográfico. Pelo uso combinado de categorias de análise e de procedimentos utilizados pela Geografia, o professor favorece ao aluno a compreensão do mundo em perspectiva geográfica. Pela participação ativa nas práticas de educação geográfica proporcionadas pelo professor, o aluno desenvolve raciocínios espaciais e pode, gradativamente, construir uma consciência geográfica do mundo (LOPES, 2016, p. 36).

Neste sentido, é necessário aos professores a renovação contínua das suas práticas, de seus conteúdos e de sua postura crítica a fim de promover um ambiente favorável ao processo de ensino e aprendizagem. É nítido, que o desenvolvimento de novas metodologias no ensino da geografia tem sido um assunto muito debatido em nosso país, e mediante ao novo cenário pandêmico se tornou ainda mais explícito a necessidade de falarmos sobre o mesmo e delinear outras estratégias para propor a eficácia dessas competências.

A preocupação dos educadores sobre as práticas aplicadas tem sido levantada nas escolas, acarretando discussões a respeito da inserção dos meios tecnológicos no ensino, já que como foi apresentado anteriormente, o mundo viu-se frente a urgente necessidade da migração para o ensino remoto. O uso das tecnologias disponibilizadas pela internet e softwares voltados para o ensino da geografia tornaram-se meios obrigatórios para a aprendizagem possibilitando associar a teoria à prática, transpondo assim os limites dos livros didáticos. Diante disso, Silva e Morais (2014, p. 4) apontam:

Dentre as muitas razões da inserção das tecnologias no processo ensino e aprendizagem destacam-se: tornar a aula mais atrativa, interação e trabalho

colaborativo. Estas ferramentas estimulam novas experiências e favorecem a construção da aprendizagem colaborativa.

No processo de ensino e aprendizagem em geografia essas tecnologias possibilitam ao aluno a compreensão do espaço geográfico pelo vasto leque de recursos de imagens, voz, dados, animações, links, etc. Permitem ainda a construção de uma visão organizada e articulada do mundo (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009), e a compreensão do lugar onde vive, que oportuniza a interpretação em sua dimensão global.

Nesta circunstância, o professor deve estar acostumado com o suporte técnico dos dispositivos, assim como estar comprometido com o processo de ensino-aprendizagem, introduzindo os meios tecnológicos em suas aulas e construindo o conhecimento em conjunto com o alunado.

Dessarte, torna-se necessário discutir e observar a realidade do CEBFS frente a sociedade. Pois, para as escolas do campo a implementação dos artefatos tecnológicos necessita de um planejamento maior, dado que, alguns professores ainda resistem à inserção dos equipamentos em suas aulas como explicitaremos no tópico a seguir.

## **2.1 A realidade do Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva**

O Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva trabalha mediante a um plano de ensino construído pela Coordenação Pedagógica e professores a cada início de unidade. Para sua construção são levando em consideração as habilidades expressas no Referencial Curricular Municipal de Serrolândia (DCRM), observando principalmente as habilidades que são vistas como indispensáveis ao crescimento e emancipação do educando.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a instituição segue tendências pedagógicas da corrente progressistas. Baseando-se na “Pedagogia do Oprimido” do educador Paulo Freire (1968) patrono da Educação Brasileira, onde incita uma educação crítica baseada nas transformações sociais, políticas e econômicas e no intuito de superar as desigualdades existentes. Sob esta proposta, as atividades do CEBFS, são pautadas em discussões acerca da sociedade, política, e ações sobre a realidade social. Estabelecendo formas de atuação que possam ajudar na transformação da realidade. Considerando, portanto, que o processo de aprendizagem por via da integração é um instrumento facilitador para se alcançar os objetivos desejados.

Por conta da pandemia da Covid-19, muitos objetos do conhecimento não foram repassados para os alunos de maneira satisfatória, durante o ensino remoto e híbrido. Uma vez que, a pandemia, evidenciou ainda mais as desigualdades impostas pelo sistema capitalista, visto que, a suspensão das aulas presenciais afetou as pessoas de modos diferentes, sobretudo, de acordo com o aspecto social. Enquanto alguns estudantes usufruíram da ampla disponibilidade dos meios tecnológicos, outros lutaram para alcançar o acesso à educação escolar dispondo de recursos limitados ou inexistentes.

Todavia, com esse novo padrão de atuação, tornou-se perceptível a ampliação de novas referências no ensino, atraindo para o espaço escolar, as tecnologias tão necessárias, mas que antes, eram inseridas de maneira lenta, uma vez que muitos docentes resistiam à inserção das mesmas.

Logo, a pandemia da Covid-19 levou muitos professores a apropriarem-se de tecnologias digitais e mediar o processo de ensino-aprendizagem por via delas, mas também impôs desafios de ordens variadas e limitações nos processos didático-pedagógicos principalmente no ensino de geografia pois, grande parte dos professores não tinham acesso ou não conheciam as diversas plataformas que facilitam o processo de ensino geográfico como veremos no tópico a seguir.

### **3. OS DESAFIOS TECNOLÓGICOS NO ENSINO DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19**

Desde os primórdios dos tempos o homem busca maneiras de propagar seu conhecimento de maneira mais rápida e precisa. Os últimos anos foram sem dúvida um período de grandes transformações na produção de conhecimentos, os recursos tecnológicos atingiram todos os aspectos da vida moderna, mudando diariamente a forma como usamos, recebemos e enviamos informações, permitindo saber, quase que imediatamente, o que se passa em qualquer lugar da superfície do planeta.

No ambiente educativo não foi diferente, as transformações que afetam todos os setores da sociedade exigem cada vez mais uma educação inovadora e preparada para lidar com a “revolução da informação” ou por assim dizer, uma sociedade imediatista que tem todas as respostas na palma da mão, conforme afirma Toffler (1980, p. 223):

A alvorada desta nova civilização é o fato mais explosivo das nossas vidas. É o evento central, a chave para compreender os anos imediatamente à frente. É um evento tão profundo como a Primeira Onda de mudança, desencadeada há dez mil anos pela descoberta da agricultura, ou o terremoto da Segunda Onda de mudança, provocado pela revolução industrial. Somos os filhos da transformação seguinte, a Terceira Onda.

Sobre esse fato, Levy (2009) diz que a educação deve se preparar para uma nova configuração, levando em consideração o caráter educativo ou formador de outras atividades sociais e, não apenas das instituições formais de ensino, compreendendo as possíveis mudanças nos sistemas educacionais, diante dos desdobramentos da cibercultura. Pois, como se percebe, já é possível verificar a disruptividade na educação como algo presente na sociedade, ao se utilizar a tecnologia como forma a aprimorar o aprendizado (ARAÚJO et al, 2017).

Nesta perspectiva de mudanças abruptas a cidadania depende de uma educação ousada tendo a tecnologia como aliada. Segundo Lima Júnior (2007, p. 67) “Nossas escolas, que visam contribuir para que os indivíduos participem ativa e criticamente da dinâmica social, podem e devem investir na nova eficiência e competência, baseadas numa lógica do virtualizante”.

No entanto, a falta de preparo de muitos docentes, as dificuldades de atualização e de uma formação continuada, além das dificuldades financeiras enfrentadas por algumas escolas tornam o uso das tecnologias insuficiente.

Toda essa dificuldade ficou explícita no contexto da pandemia da Covid-19, onde todo o seio escolar teve que se reinventar, criando mecanismos para se adaptar à nova realidade: o ensino remoto <sup>5</sup>– com atividades síncronas e assíncronas.

No que se refere a inclusão do ensino remoto, o mesmo não pode ser confundido com educação a distância, posto que, se trata de uma educação remota em caráter emergencial, assim como apontam Joye et. al, (2020, p. 13) ao enfatizar que o objetivo principal do ensino remoto durante as atuais circunstâncias “[...] não é recriar um novo modelo educacional, mas fornecer acesso temporário aos conteúdos e apoios educacionais de uma maneira a minimizar os efeitos do isolamento social nesse processo”.

O processo de adequação ao ensino remoto dos professores de geografia durante a pandemia é um ponto bastante discutido no âmbito educativo, pois conforme apontam Macêdo e Moreira (2020, p. 87):

---

<sup>5</sup> Modelo de ensino que ficou conhecido na pandemia. Ao se unir ao ensino presencial, dão origem ao ensino híbrido, no qual muitos estudantes permanecem até hoje. O ensino remoto é subdividido em atividades síncronas e assíncronas. Atividades síncronas: É a modalidade onde o professor transmitirá ao vivo sua aula, através de uma plataforma escolhida. Atividades assíncronas: É o conteúdo disponibilizado dentro da plataforma AVA, onde o professor disponibilizará o material

Podemos considerar como hipótese para futuros trabalhos que a pandemia da Covid-19 é como um divisor de águas na maneira de pensar a educação e nas práticas metodológicas do ensino de Geografia, nos levando a refletir sobre a (re)significação do papel do professor de Geografia e suas práticas metodológicas a partir do ponto de vista das suas percepções sobre propostas para melhorar a qualidade do ensino de Geografia apontando uso das tecnologias e as metodologias ativas previstas a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como uma proposta de melhorar as práticas pedagógicas de ensino de Geografia nesse novo cenário global.

Esse formato de ensino que antes era uma alternativa opcional, tornou-se quase uma obrigatoriedade, os educadores que tinham a lousa e os livros como auxílio na sala de aula, tiveram que encarar as tecnologias. A lousa se tornou a tela do computador, os livros transformaram-se em slides, e mais do que nunca os problemas de adaptação adentraram a vida dos professores e principalmente dos alunos.

Pois, mesmo que o aluno faça parte de uma geração que gosta e aceita todas as novas tecnologias, ele precisa do professor ao seu lado, para incentivar suas descobertas, e sobretudo, precisa ter acesso a tais mecanismos tecnológicos para que a aprendizagem aconteça de maneira favorável. O trabalho de Oliveira (2021, p. 6), ao apresentar discussões iniciais sobre as possibilidades e potencialidades do ensino de geografia em tempos de pandemia da Covid-19, explicitou que, na atual conjuntura,

[...] as práticas escolares experimentadas por sujeitos estudantes de distintas realidades sociais promoveram o aumento do abismo já existente: enquanto uns aprendiam Geografia, em suas casas, com internet de qualidade, a partir de aplicativos como o Google Earth, por exemplo, outros sequer estavam tendo acesso ao estudo no período pandêmico.

Neste sentido, Berg et al. (2020) alertam que é preciso considerar que existirão graves consequências, como o aumento da defasagem escolar devido às diferenças sociais e tecnológicas entre os alunos.

Durante todo esse tempo ficou ainda mais nítido a existência dessa desigualdade, enquanto alguns estudantes têm acesso a uma variedade de tecnologias, outros sequer possuem internet em casa. É fato que essa realidade vem mudando a cada ano, porém esse processo acontece de forma lenta.

Sendo assim, é válido discutir o papel da escola durante a pandemia da Covid-19, bem como as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva durante esse processo, tal qual, veremos a seguir.

#### **4. O PAPEL DA ESCOLA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Ao refletir sobre o cotidiano dos alunos neste período da pandemia da Covid-19, é indispensável observar como a escola agiu frente às necessidades dos estudantes durante o ensino remoto para tentar amenizar as sequelas adquiridas neste processo. Uma vez que, o fechamento das escolas em 2020/2021, agravou negativamente o sistema educacional em todo o mundo. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Grupo Educacional do Banco Mundial (2020, p.1) sobre os riscos associados ao fechamento das escolas, ressaltam que o mesmo pode significar interrupção do processo de aprendizagem, vinculado a ausência de interação entre estudantes e professores e elevar a taxa de abandono, principalmente para crianças com alta vulnerabilidade.

No que diz respeito a instituição de ensino objeto de nossa investigação, a gestão escolar buscou alternativas para que essas disparidades fossem amenizadas. A fim de melhorar o ensino remoto foram adquiridos com o apoio da Secretaria Municipal de Educação um aparelho celular e uma *ring light*<sup>6</sup> ficando à disposição dos professores e alunos. Foram disponibilizadas também atividades impressas semanalmente de todos os componentes curriculares, elaboradas conjuntamente por professores e coordenação pedagógica com o objetivo de alcançar principalmente os alunos mais vulneráveis que não conseguiam acompanhar as aulas remotas.

Sobretudo, todas essas possibilidades tornaram-se insuficientes, criando resultados insatisfatório no que tange ao nível de aprendizagem, como veremos a seguir nos resultados obtidos por meio dos questionários.

##### **4.1 Desafios enfrentados pelos alunos do 5º ano nas aulas de geografia durante a pandemia da Covid – 19**

O quadro da pandemia trouxe inúmeras dificuldades em vários sentidos, exponencialmente para os alunos da zona rural, onde o acesso à internet e a disponibilidade de aparelhos tecnológicos tornou uma barreira limitante no decorrer do ensino remoto.

Diante disso, para identificar as principais dificuldades ocasionadas pela pandemia enfrentadas pelos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I foi realizado a aplicação de

---

<sup>6</sup> Acessório que melhora a iluminação de fotos e vídeos. O produto nada mais é do que um círculo de luzes de LED, ou de lâmpadas, usado para iluminar o rosto da pessoa que aparece na gravação.

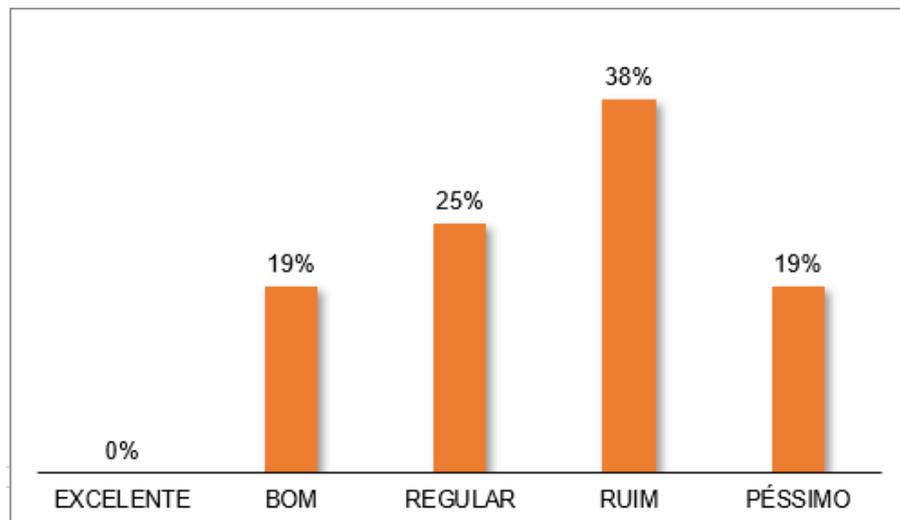
questionários entre os meses de agosto e setembro do ano corrente, por meio do “*Google Forms*”, “*WhatsApp*” e questionários impressos a fim de detectar as dificuldades que esses alunos enfrentaram, bem como os impactos deixados pela pandemia e que ainda hoje perpetuam o cotidiano desses estudantes.

Sobre os questionários, Gil (2008, p. 122) explica que entre outras vantagens o questionário “possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa. ” Neste cenário, foi possível aplicar o número de 16 questionários com os alunos do 5º ano que representou 100% da turma escolhida.

Visando compreender como se concretizou o ensino de geografia e as aprendizagens no período da pandemia, questionou-se primeiramente a esses alunos qual conceituação eles dariam às aulas de geografia durante o ensino remoto, levando em consideração que, para grande parte desses estudantes houve uma dificuldade, com relação ao acesso às aulas e interação com a professora.

Observa-se nas respostas representadas na figura 2, que apenas 19% dos alunos entrevistados o consideraram como bom, já para 25% dos alunos o ensino de geografia no ensino remoto foi conceituado como regular e 57% consideram-no como ruim ou péssimo.

**Figura 2** – Avaliação do ensino de geografia durante o ensino remoto<sup>7</sup>



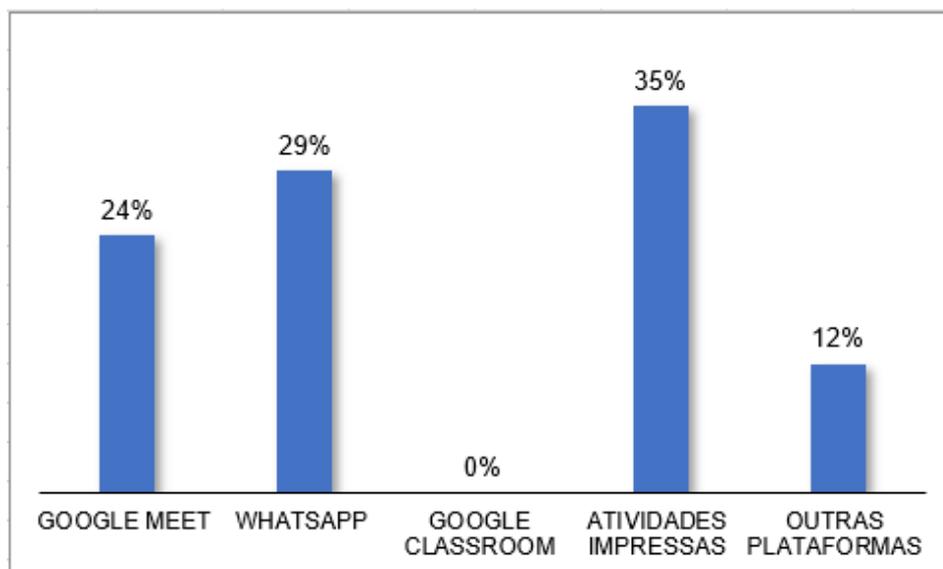
Fonte: Camila Rios, 2022.

Em seguida, foi questionado a esses alunos quais plataformas tecnológicas mais contribuíram com a aprendizagem durante o período de ensino remoto. É possível observar nos

<sup>7</sup> Nessa figura, ocorre, na soma total dos valores, uma variação mínima de 0,1% a mais devido a regra geral de arredondamento.

dados apresentados na figura 3 que 24% dos entrevistados utilizaram o Google Meet, 29% desses alunos recorreram ao WhatsApp, é válido destacar que na maioria dos casos o WhatsApp pertencia a algum familiar em razão dos próprios alunos não possuírem aparelho celular, 35% sinalizaram que a plataforma mais utilizada foram as atividades impressas, visto que era a forma mais fácil de realizarem as atividades, pois a própria escola, juntamente com os professores disponibilizavam esses materiais, deixando-os organizados no pátio da escola para que os responsáveis pudessem retirar e fazer a devolutiva posteriormente. E 12% relataram que utilizaram outras plataformas como por exemplo vídeos no Youtube, disponibilizados pela professora no WhatsApp.

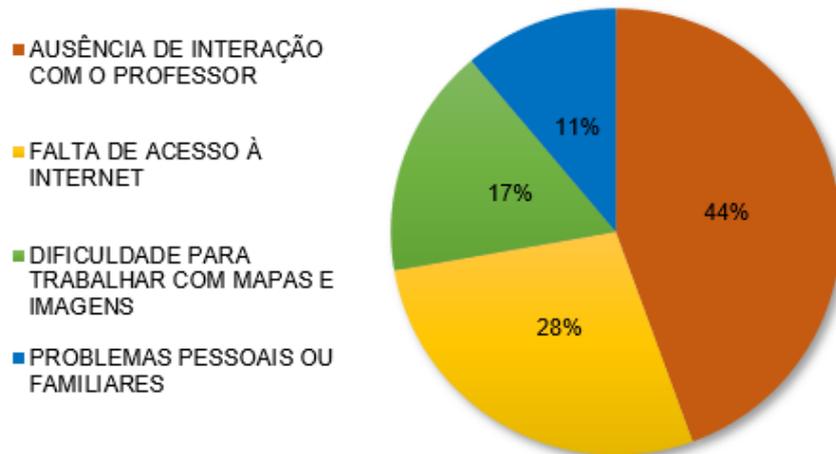
**Figura 3** – Principais plataformas utilizadas pelos alunos no ensino remoto



Fonte: Camila Rios, 2022.

Foi questionado ainda, qual o maior obstáculo para aprender geografia durante o ensino remoto. Para 44% dos alunos a falta de interação com o professor foi o maior obstáculo, 28% relataram a falta ou o péssimo acesso à internet, 17% sinalizaram a dificuldade em trabalhar com mapas e imagens e 11% citaram os problemas pessoais ou familiares (figura 4).

**Figura 4** – Principais obstáculos enfrentados pelos alunos nas aulas de Geografia



Fonte: Camila Rios, 2022.

Os principais obstáculos expostos pelos alunos, estão fundamentalmente relacionados à falta de interação com o professor, bem como a falta de acesso à internet, o que comprometeu significativamente a qualidade do ensino remoto para esses estudantes. Salienta-se que a disciplina de geografia, requer que os professores possibilitem ao estudante a (re) leitura e compreensão da realidade em suas espacialidades. Gomes (2017, p. 144), diz que “a Geografia é a ciência que analisa e interpreta a ordem espacial das coisas, pessoas e fenômenos”. Assim, é evidente que o distanciamento do professor na sala de aula dificultou o processo de compreensão dos conteúdos que eram apresentados.

No entanto, problemas pessoais ou familiares também foi um fator apontado nos questionários, o depoimento abaixo é de uma aluna, mas para manter o sigilo, usamos nomes fictícios:

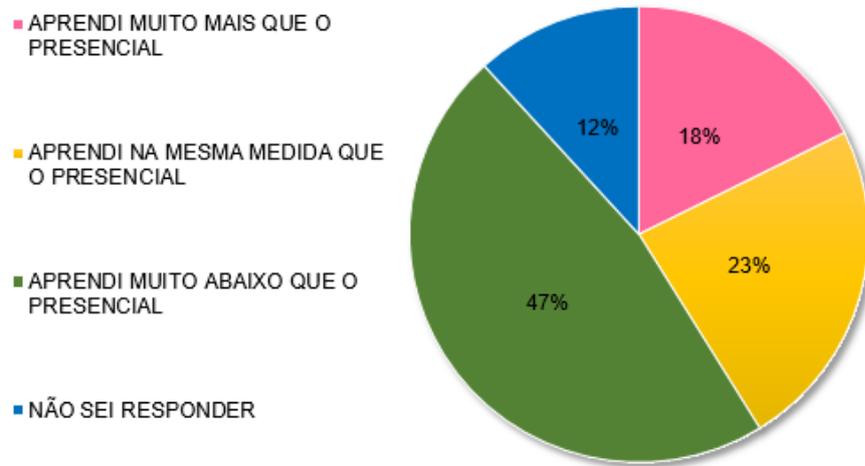
*{Eu não gostei do ensino remoto porque eu tive muitas dificuldades. Na minha casa não tinha internet e eu tinha que ir na casa da minha tia para poder assistir as aulas... Sem contar que na época minha mãe tava passando por algumas dificuldades e na hora da aula quase todo dia eu tinha que cuidar da minha irmã pequena, e minha professora não tinha muita paciência com as tecnologias ai as aulas eram sempre complicadas}. SIC (Aluna X, entrevista concedida em agosto de 2022).*

Esse foi um dos fatores que determinaram negativamente o aprendizado durante o período do ensino remoto. Problemas como o citado anteriormente, fazem parte do cotidiano da maioria dos estudantes, que muitas vezes deixam a atividade escolar de lado para ajudar nas

tarefas de casa.

Deste modo, questionou-se a esses alunos como eles avaliariam o aprendizado durante o período do ensino remoto, tendo como base o ensino presencial. Neste contexto, as análises também foram negativas, como nos mostra a figura 5:

**Figura 5** – Avaliação da aprendizagem durante o ensino remoto.



Fonte: Camila Rios, 2022.

Conforme exposto pela maioria dos estudantes, o aprendizado ficou consideravelmente em níveis mais baixos que o ensino presencial. Na questão aplicada, apenas 18 % sinalizou que havia aprendido mais no ensino remoto do que no presencial. Para 47 % o ensino ficou muito baixo comparado ao presencial, para 23 % o aprendizado ficou na mesma medida, e 12% não souberam responder.

Com relação aos professores, a nova realidade também interferiu significativamente no trabalho, uma vez que também suas condições foram postas à prova. Logo, no tópico a seguir analisaremos as percepções dos professores acerca da aprendizagem dos alunos mencionados na pesquisa.

#### 4.2 As percepções docentes acerca da aprendizagem dos alunos do 5º ano nas aulas de geografia no período da pandemia da Covid-19

A realidade dos professores tem sido alvo de desafios diante das realizações das aulas remotas frente a pandemia da Covid-19. Nessa pesquisa, realizada através de questionários entre os meses de abril e maio do ano corrente, por meio do “*Google Forms*” e “*WhatsApp*” aponta-se as concepções de 4 professoras do Ensino Fundamental I do Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva, a respeito das concepções em torno do aprendizado dos alunos durante o ensino remoto. Vale destacar, que todas as professoras entrevistadas são formadas em Pedagogia, mas assumem por completo a turma, ficando responsáveis por ministrar aulas em todos os componentes curriculares. Buscando manter o sigilo, usaremos nomes dos domínios morfoclimáticos do Brasil, como uma maneira de associar à Geografia, e assim, nos referirmos às professoras entrevistadas.

Inicialmente, foi questionado se antes do isolamento social e inserção do ensino remoto elas já utilizavam recursos tecnológicos nas aulas de geografia, as respostas se subdividiram da seguinte forma:

*“Para falar a verdade, antes do isolamento social praticamente não utilizava os meios tecnológicos”. (Professora Caatinga, 2022).*

*“Sim, na turma do 3º ano utilizava o Google maps, aplicativos para observação de constelações e astros no céu, além de vídeos explicativos com imagens que resumam o conteúdo de forma significativa”. (Professora Cerrado, 2022).*

*“Antes do isolamento social eu não tinha costume de usar meios tecnológicos nas aulas de geografia, minhas aulas eram desenvolvidas somente com o auxílio do livro didático”. (Professora Amazônia, 2022).*

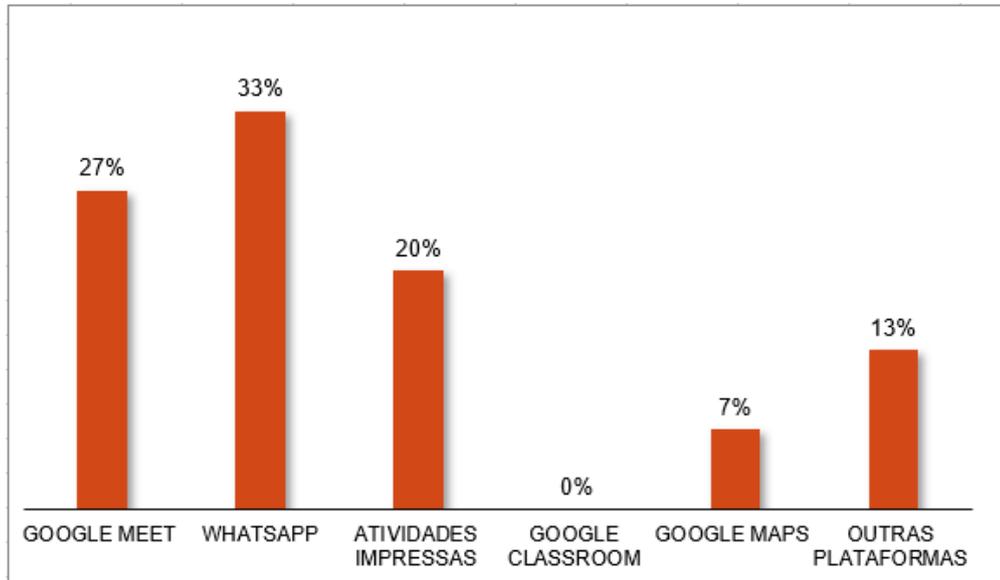
*“Eu não tinha muito domínio com os meios tecnológicos, por isso nunca trabalhei utilizando eles. A inserção do ensino remoto acabou sendo bem desafiante para mim neste sentido”. (Professora Pantanal, 2022).*

Percebe-se que apenas uma professora já havia utilizado algum meio tecnológico nas aulas de geografia, evidenciando o quão desafiante foi o ensino remoto, pois as mesmas foram inseridas numa realidade totalmente distinta da que já estavam acostumadas.

Quando questionadas a respeito das ferramentas utilizadas nas aulas de geografia durante o ensino remoto 27% indicaram o Google Meet, 33% o WhatsApp, 20% utilizaram o

mecanismo de atividades impressas, 7% assinalaram o uso do Google Maps e 13% outras plataformas (figura 6).

**Figura 6** – Ferramentas utilizadas nas aulas de geografia durante o ensino remoto<sup>8</sup>



Fonte: Camila Rios, 2022.

Em seguida, foi sugerido que descrevessem os pontos positivos e negativos durante o ensino remoto. Obtendo-se as seguintes respostas:

*“Positivamente o uso da tecnologia ao nosso favor. Negativo que nem todos os alunos tinham oportunidades de participação das aulas por não ter aparelhos”. (Professora Caatinga, 2022).*

*“Positivo: utilização de recursos tecnológicos para diversificar a prática. Negativo: não conseguir acompanhar se os alunos conseguiram desenvolver as atividades escritas e sistematizar com autonomia”. (Professora Cerrado, 2022).*

*“Bom, o ponto positivo foi a renovação da prática docente podendo utilizar novos recursos na sala de aula. Já o ponto negativo foi que nem todos os alunos tinham condições para acompanhar as aulas online, o que dificultou o aprendizado”. (Professora Amazônia, 2022).*

*“Para mim, o ponto positivo foram as novas possibilidades de ensino, poder conhecer os recursos tecnológicos e usá-los na sala de aula. E sem dúvida o ponto negativo foi ver a disparidade social, onde muitos dos meus alunos não tinham recursos para acompanhar as aulas”. (Professora Pantanal, 2022).*

<sup>8</sup> Nessa figura os entrevistados podiam assinalar mais de uma alternativa, por isso a soma geral dos fatores não corresponde a 100%.

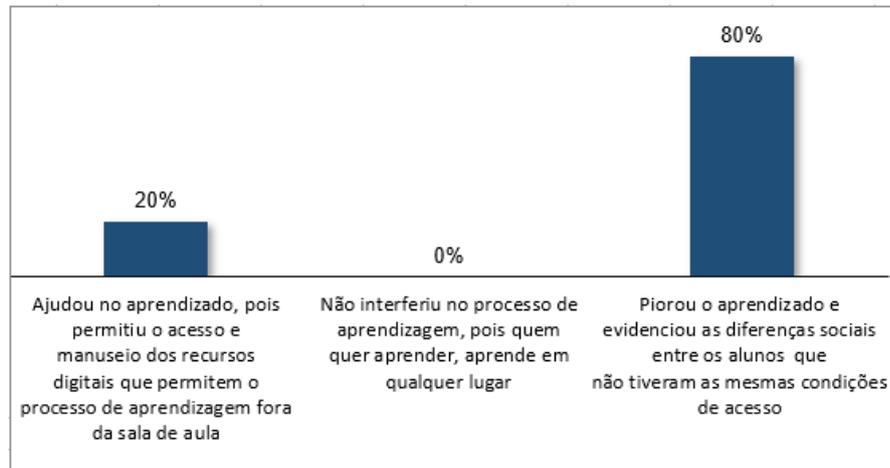
O problema mais indicado pelas professoras colaboradoras da pesquisa foi a falta de acesso à internet e aos recursos digitais pelos seus alunos para acompanharem as aulas, sendo destacado por três docentes. Tais apontamentos reforçam a descrição de Silva (2020, p. 11) ao evidenciar que:

[...] considerável número de famílias de alunos tem acesso limitado aos meios de comunicação e informação porque figuram como integrantes das margens da sociedade, não são sujeitos incorporados ao tecido social. Aos que têm acesso é imprescindível que se questione a qualidade deste; com quem precisa dividir tempo de estudo e instrumental de acesso aos conteúdos e orientações; se o local de estudo é adequado; de que forma a família e a comunidade foram afetadas pela pandemia, dentre outros pontos, que se não considerados no processo de ensino, poderão ampliar as desigualdades de acesso ao conhecimento, já tão consolidadas na sociedade brasileira.

O autor evidencia a discrepância vivenciadas entre os estudantes brasileiros, reforçando que mesmo aqueles que detém acesso a tais recursos estão sujeitos a um questionamento sobre a qualidade destes.

Outro fator importante questionado corresponde a avaliação acerca do aprendizado dos alunos do 5º ano no ensino remoto. Para 80% das entrevistadas ele piorou o aprendizado desses estudantes, uma vez que expôs a diferença econômica entre alunos, evidenciando assim o desequilíbrio no acesso aos meios tecnológicos. Para 20% dos docentes esse processo ajudou na aprendizagem, já que contribuiu para o manuseio das ferramentas tecnológicas que permitem o aprendizado fora da sala de aula, conforme se observa na figura 7.

**Figura 7** – Avaliação sobre o processo de aprendizagem durante o ensino remoto para os alunos do 5º ano



Fonte: Camila Rios, 2022.

O resultado revela, portanto, a percepção dos professores evidenciando que a falta de acesso às plataformas tecnológicas durante o ensino remoto levou o aluno a criar uma desmotivação e conseqüentemente um desnível na aprendizagem. Pois, a ausência ou a precariedade do acesso às ferramentas tecnológicas disponíveis no processo educacional submeteu a maioria dos alunos a um processo de ensino-aprendizagem excludente e negativo. Expondo a realidade da marcante desigualdade socioeconômica no Brasil, e realçando a desigualdade mesmo entre colegas de classe.

Isto posto, torna-se necessário observar como estão esses alunos na educação pós-pandemia, uma vez que a retomada das aulas presenciais abre espaço para refletirmos sobre as conseqüências da pandemia na turma do 5º ano como veremos no tópico a seguir.

### 4.3 O cenário educativo pós pandemia

O retorno das aulas presenciais no ano letivo 2021 trouxe a oportunidade de refletirmos sobre as conseqüências da pandemia no cenário educativo, uma vez que a educação brasileira notabilizou os problemas ligados à realidade das escolas públicas e às desigualdades sociais. Ao passo que, o ensino remoto emergencial, conforme destaca Cunha et. al. (2020, p. 36):

[...] implantado às pressas e sem a consideração das múltiplas realidades brasileiras ou das reais condições de efetivação, revelou o quanto os projetos e/ou as políticas

educacionais precisam ser melhor planejadas e implantadas baseadas nos indicadores sociais.

Com o objetivo de distinguir a vulnerabilidade de aprendizagem dos alunos após o ensino remoto emergencial, o Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva realizou no ano de 2022 a avaliação diagnóstica CAED<sup>9</sup>, plataforma digital do MEC<sup>10</sup> onde reúne avaliações formativas e diagnósticas aplicadas por unidade nas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Esses testes buscam avaliar as habilidades dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática, possibilitando aos professores e gestores escolares uma visão mais detalhada a respeito do desempenho dos alunos, e as fragilidades que os mesmos apresentam.

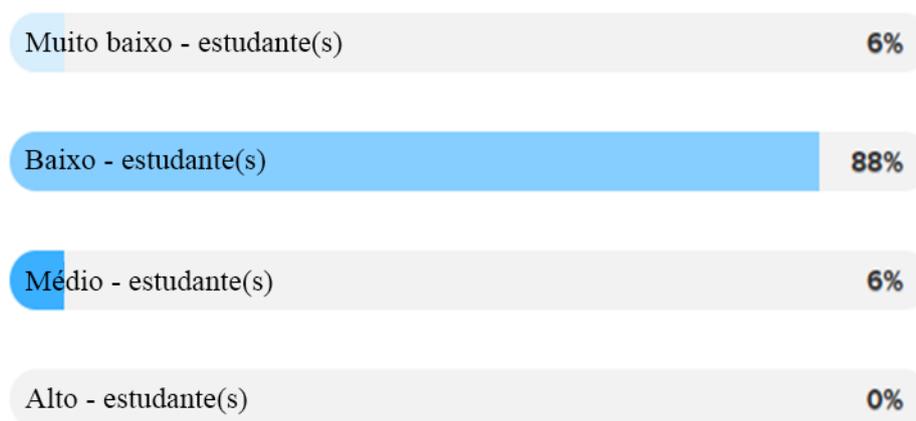
Na I unidade desse ano letivo, a turma do 5º ano apresentou o seguinte resultado (figura 8):

**Figura 8** – Avaliação de Língua Portuguesa CAED na turma do 5º ano

### Percentual médio de acertos no teste

# 36%

### Distribuição dos estudantes por categorias de desempenho



Fonte: CAED, plataforma MEC.

<sup>9</sup> CAED: Centro de Apoio à Educação a Distância.

<sup>10</sup> MEC: Ministério da Educação do Governo Federal do Brasil.

Apesar dessa avaliação não contemplar o componente de geografia, tornam-se preocupantes os impactos gerados pela qualidade do ensino remoto oferecido aos alunos em tempos de pandemia. Não há como calcular o prejuízo causado do ponto de vista educacional para estes educandos no presente e no futuro.

O que nos leva a pensar sobre a linha temporal no ensino remoto exposto por Oliveira (2020, p. 24) “o antes, o agora e depois”, evidenciando:

Um antes no qual escolas não estavam preparadas para viver um momento pandêmico e a formação de professores pouco ou nada abordava questões relacionadas ao mundo digital. Um agora repleto de esforços para que algumas formas de ensino remoto sejam empreendidas. Um depois, cheio de incertezas.

Desigualdade, incertezas e desafios são algumas definições para ensino remoto desenvolvido no espaço investigado. Quanto aos alunos, ao longo dos próximos anos, possivelmente sofrerão com as sequelas deixadas pelo período pandêmico, principalmente aqueles que ficaram desassistidos. Ficam, portanto, os questionamentos sobre a qualidade deste ensino e o quanto o mesmo pode impactar na vida desses alunos, bem como os seus reflexos na sociedade como um todo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo discutir os desafios enfrentados por professores de Geografia do Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva no contexto da pandemia da Covid-19 e suas concepções acerca do ensino remoto emergencial. Foi possível conhecer de perto a realidade vivida por esses profissionais e seus posicionamentos sobre a inserção dos meios tecnológicos em suas aulas, assunto bastante discutido na atualidade.

Denota-se que a pandemia, impôs desafios de ordens variadas no âmbito educacional, evidenciou fragilidades e agravou problemas na aprendizagem dos alunos, como foram mostrados neste trabalho. O não acesso as tecnologias, levou a escola a desenvolver mecanismos como as atividades impressas para amenizar a demanda, ficando totalmente responsável por organizar e coordenar as atividades realizadas durante este período, e por fim, identificar e atender as necessidades dos estudantes.

Entretanto, a tática não surtiu os fins desejados sobre o alunado. As dificuldades financeiras de alunos, os quais não dispunham de celular, computador e acesso à internet, que

os possibilitassem aprender nas aulas remotas além da ausência presencial do professor no acompanhamento diário do aluno se mostraram agentes determinantes no desenvolver do aprendizado como foi possível observar no resultado da avaliação CAED no ano de 2022.

Por isso, compreende-se que novos olhares, inclusive do próprio professor, podem ter sido desenvolvidos, especialmente no que tange à inserção dos meios tecnológicos nas aulas de geografia, sobretudo no contexto da escola do campo por sua pluralidade e diferenças entre os sujeitos.

Nesse sentido, a discussão dessa conjuntura não pode passar despercebida pela sociedade em geral. Já que, para diminuição desses obstáculos são imprescindíveis a participação social e a atuação do poder público no planejamento e na execução de ações com a finalidade de analisar os desafios enfrentados e os caminhos possíveis para suprir as lacunas, sobretudo no aprendizado produzidas neste contexto pandêmico para que possam minimizar este passivo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H. R.; ACHIM, S. (Org.). **Tecnociência e Cultura: Ensaio sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

ARAÚJO, S. P. de. Tecnologia na educação: contexto histórico, papel e diversidade. **IV Jornada de Didática III Seminário de Pesquisa do CEMAD, 2017**.

AZEVEDO, S. C. A educação sem escola: o ensino remoto emergencial, a função social da educação e a desigualdade social. In: ALVES, F. D.; AZEVEDO, S. de C. (Org.). **Análises geográficas sobre o território brasileiro: dilemas estruturais à A532 Covid-19**. Alfenas: Editora Universidade Federal de Alfenas, p.219-231, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Disponível em:

<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>.

Acesso em: 13 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17 de março de 2020. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm)>. Acesso em: 10 out. 2022

BERG, J; BLUM VESTENA, C. L; COSTA-LOBO, C. Criatividade e Autonomia em Tempo de Pandemia: Ensaio Teórico a partir da Pedagogia Social. **Revista Internacional de Educación para la Justicia Social**, Madrid, v. 9, n. 3, 2020.

BUZATO, M. E. K. Letramentos Digitais e Formação de Professores. In: **III**

**Congresso Ibero – Americano EducaRede: Educação, Internet e Oportunidades**. Memorial da América Latina, São Paulo, 2006.

CAED. **Avaliação da Educação: Boletim de resultados 2022**. Disponível em:

<<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/secretarias/secretaria-de-educacao-basica/programas-e-acoes/plataforma-de-avaliacoes-diagnostics-e-formativas>>.

Acesso em: 15 nov. 2022.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.

(Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000, p. 83-134.

CALDART, R. S. **A escola do campo em movimento**. Currículo sem Fronteiras, v. 3, n.1, p. 60-81, jan./jun. 2003.

CASTELLAR, S. M. V. **Alfabetização em Geografia**. Espaços da escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualização no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 9-81.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade**, v. 10, nº 2, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Fac símile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, P. C. da C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOULART, L. B. Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à aula de geografia. In: TONINI, I. M. et al. (Org.). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 9-27.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M; ROCHA, S. S. D. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, ISSN 2535-3409, 2020.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIMA JUNIOR, A. S. **A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual**. Salvador: EDUNEB, 2007.

LOPES, C. S. **O trabalho pedagógico do professor de geografia e seus saberes**. In: PORTUGAL, J.F; OLIVEIRA, S.S de; RIBEIRO. S.L (org.). **Formação e docência em geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: Edufba, 2016. p. 21-40.

MACÊDO, R. C.; MOREIRA, K. S. da. Ensino de Geografia em tempos de pandemia: vivências na escola municipal professor américo barreira, Fortaleza–CE. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 02, p. 70-89, 2020.

MARQUES, M. O. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Anablume, 1994.

OLIVEIRA, C. G. S de. A geografia como disciplina: trajetória nos currículos escolares do Brasil e o ensino como questões centrais da discussão. In: TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI R. J. N. (Org.). **Discutindo geografia: doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2007. p. 17-61.

OLIVEIRA, V. H. N. “O antes, o agora e o depois”: alguns desafios para a educação básica frente à pandemia de Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 9, p. 19-25, 2020.

OLIVEIRA, L. de. **Percepção do meio ambiente e Geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JUNIOR, E.; CAVALCANTE, T. V. (Org.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Centro Educacional Bernardina Ferreira da Silva, Serrolândia, 2022.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, E. G. M; MORAES, D. A. F. de. O uso pedagógico das tdc no processo de ensino e Aprendizagem: caminhos, limites e possibilidades. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor – PDE**. Versão Online ISBN 978– 85– 8015– 080– 3. Cadernos PDE, v. 1, Paraná, 2014. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uel\\_ped\\_artigo\\_edina\\_guardevi\\_marques\\_silva.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_ped_artigo_edina_guardevi_marques_silva.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SILVA, L. C. da. **Ainda sobre a Covid-19**: O ensino-aprendizagem de Geografia em debate. *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Goiás, v. 9, nº 2 , jul./dez. 2020.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia nas séries iniciais**: o desafio da totalidade mundo. São Paulo: Anablume, 2004.

SHULMAN, L. S. **Conhecimento e ensino**: fundamentos para a nova reforma. Cadernos Cenpec. São Paulo, v. 4, n. 2, 2014.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Relatório de monitoramento global da educação – 2020**: Inclusão e educação– todos, sem exceção. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721_por)>. Acesso em: 8 nov. 2022.

VESENTINI, J. W. **O novo papel da escola e do ensino da Geografia na época da Terceira Revolução Industrial**. Terra Livre – AGB, São Paulo, n. 11-12, p. 209-224, 1993.

WORLD BANK GROUP EDUCATION. **Políticas educacionais na pandemia da Covid-19**: o que o Brasil pode aprender com o resto do mundo?. 25 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/country/brazil/publication/brazil-education-policyCovid-19-coronavirus-pandemic>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

## **ANEXOS**

### **ANEXO A – QUESTIONÁRIO: O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS AULAS REMOTAS (ALUNOS)**

#### **1- Que conceito que você daria para as aulas de geografia no ensino remoto?**

- a) Excelente;
- b) Bom;
- c) Regular;
- d) Ruim;
- e) Péssimo.

#### **2- Como você avalia o seu aprendizado durante o período do ensino remoto?**

- a) Aprendi muito mais que no presencial;
- b) Aprendi na mesma medida que o presencial;
- c) Aprendi muito abaixo que no presencial;
- d) Não sei responder

#### **3- Durante o período do ensino remoto, que ferramenta tecnológica mais contribuiu para seu aprendizado?**

- a) Google Classroom;
- b) Google Meet;
- c) WhatsApp;
- d) Atividades impressas;
- e) Outras plataformas

#### **5- Em sua opinião, qual o maior obstáculo para aprender geografia no ensino remoto?**

- a) A dificuldade para trabalhar com mapas e imagens;
- b) Oscilações e/ ou falta de internet;
- c) A ausência presencial do professor;
- d) Problemas pessoais ou familiares

ANEXO B – QUESTIONÁRIO: O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS AULAS REMOTAS  
(PROFESSORES)

1- Antes do isolamento social, você já utilizava os meios tecnológicos nas aulas de Geografia? Sim? Ou não? Quais você utilizou? Em quais turmas? Explique.

2- Quais recursos você utilizou em suas aulas remotas (a distância)?

3- Descreva os principais pontos positivos e negativos da prática docente e do Ensino de Geografia diante a pandemia.

4- Durante o período do ensino remoto, que ferramenta tecnológica mais contribuiu para suas aulas? (Nesta questão pode ser marcada mais de uma alternativa).

- a) Google Classroom;
- b) Google Meet;
- c) WhatsApp;
- d) Google maps;
- e) Atividade impressas.

5- Na sua opinião, houve prejuízos na aprendizagem dos alunos do 5º ano durante o ensino remoto?

- a) O ensino remoto ajudou no aprendizado, pois permitiu o acesso e manuseio dos recursos digitais que permitem o acesso de aprendizagem fora da sala de aula.
- b) Não interferiu no processo de aprendizado, pois quem quer aprender, aprende em qualquer lugar.
- c) Piorou o aprendizado e evidenciou as diferenças sociais entre os alunos que não tiveram as mesmas condições de acesso.